



POLÍTICA NACIONAL (N)

"D. JORNAL"
10. 1. 79

+ Recortes + P. P. I.

"O Jornal" convida um jornalista

Guia espiritual

Rui Osório *

«Uma democracia que se abandona a si mesma, uma democracia sem guias espirituais é uma democracia decapitada» — afirmava Raul Proença.

O sintoma de que podemos estar a viver em «democracia decapitada» é a transferência que muitos estão a fazer das suas frustrações para o 25 de Abril, os partidos, a democracia, o socialismo...

Com tudo isso assim problematizado, senão exorcizado, que nos resta?

Resta-nos que aceitemos passar pela feira da crítica e da autocritica sem alienarmos aquilo que a política mais deve privilegiar na pessoa humana: a sua consciência e a sua liberdade.

Sem ideal e sem guias espirituais não será possível que um povo una a inteligência à liberdade, para assumir inteiramente a sua vontade de existir e de criar autonomamente a sua história. O contrário não passa de voluntarismo político.

Vem isto a propósito de Maria de Lurdes Pintasilgo, a quem classifico de «guia espiritual» da democracia.

Antes de mais, sem qualquer lisonja e menos ainda culto da personalidade, o que mais me chama a atenção em Maria de Lurdes Pintasilgo é a sua convicção de que «a grande empresa é mudar a vida», traduzida nesta sua afirmação:

«Mudar a vida é esboçar em cada momento os novos valores e suscitar as condições de experiências que os tornam reais; é captar na experiência a que a História nos conduz os valores insuspeitados, desconhecidos ou ignorados». Afirmação que logo a seguir concretiza deste mo-

do: «Só posso mudar a sociedade mudando-me com ela, criando nela o espaço onde consigo ser, respirar, trabalhar, amar, pensar, de modo diferente por que anseio».

O seu projecto de mudança é para ela um imperativo evangélico, assim delineado:

«Pede-nos, pois, o Evangelho que deixemos o refúgio do discurso das superestruturas para nos entregarmos ao campo aberto da concreta e quotidiana realidade, fazendo corpo com ela: que abandonemos de uma vez as trincheiras com que nos defendemos para — com erros e falhas e omissões e linhas tortas ou quebradas — percorrermos os caminhos que temos de ir inventando: que recusemos o lugar de espectadores, a que afinal nos conduzem as nossas sucessivas críticas e análises, para metermos as mãos na massa, experimentando o que fomos capazes de convictamente tecer e construir.»

Não admira que Maria de Lurdes Pintasilgo na sua linguagem escrita e falada e na sua praxis fale constantemente de Revolução, experiência, processo, transformação, futuro... como não admira a sua recusa do conformismo. Talvez por isso não lhe falem agora detractores, ignorando estes que uma ortodoxia morta é bem pior do que uma heresia viva.

No fundo alguns desses detractores, ao reclamarem-se também de cristãos, fazem-no apenas com o desejo de sacralizar as ordens estabelecidas na desordem, fugindo do progresso, por amor à conservação, como o diabo da cruz.

Ao contrário, Maria de Lurdes Pintasilgo entende que a Revolução deve ter um carácter permanente e

incessante» e revestir-se de uma «inesgotável novidade» que só a fé, na sua opinião, «reforçar, intensifica e agudiza».

Por imperativos morais, Maria de Lurdes Pintasilgo faz, entre outras, as interrogações seguintes:

«Queremos ou não um mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário? Queremos ou não um mundo mais aberto à imaginação, mais livre, mais conducente à criatividade? Queremos ou não um mundo novo?»

Curiosamente, é uma mulher de fé evangélica que desde há uns vinte ou mais anos acompanhou de perto o itinerário que arranca, aí pela década de 50, da então chamada «teologia do laicado», até àquilo que hoje se designa por «teologia ou teologias políticas e de libertação».

Nos seus tempos de militante na JUC, não lhe terá sido estranha a teologia do padre Congar, que falava de leigos empenhados «no serviço da Igreja» e da «cristianização das estruturas».

Mais tarde, já na sua actividade profissional e no Graal, terá conhecido a «teologia das realidades terrestres», a apontar para a «autonomia das leis da matéria numa história de salvação que Deus conduz», exigindo dos cristãos uma participação no plano de Deus, através da cristianização da família, dos meios de trabalho, da vida cívica.

Posteriormente, a avaliar pelo que diz e escreve, já no pós-Concílio Vaticano II em que a Igreja surge como «sinal de salvação entre as nações», ou Igreja-para-o-mundo, Maria de Lurdes Pintasilgo entende que o importante são as comunidades de crentes ao serviço do mundo,

do pela «teologia do desenvolvimento», «teologias políticas» e pela «teologia da libertação», umas e outras afirmando sempre que Deus está a actuar no mundo e que o conhecimento de Deus se faz através do mundo-acontecimento, do mundo-história.

É neste contexto, que me parece ser o de Maria de Lurdes Pintasilgo, que cristãos como ela acordaram para uma atenção a tudo o que acontece e para a transparência do significado dos factos, onde a acção e contemplação se interligam, procurando que a praxis se traduza num compromisso vivido em todas as dimensões daquilo que o homem vai e vem, onde a acção e a contemplação do infinito de Deus e na não-recusa do mundo e da sua complexidade.

A teologia política que Maria de Lurdes Pintasilgo faz sua não é uma «ciência política» no seu sentido técnico e especializado, nem orienta os cristãos para uma hiperpreocupação com a organização política, em termos de partidos,

correntes de opinião e estruturas rigorosamente políticas.

Assim se compreende que Maria de Lurdes Pintasilgo afirme não procurar em teorias políticas, mais ou menos experimentadas, a segurança de um horizonte messiânico próximo.

Está também convencida que «a presença dos cristãos (na política) não é garantia de qualquer nova ordem a instaurar».

Apenas, com a sua frontalidade cristã, tem apostado em dar testemunho da «esperança que nela habita», já que a nova ordem por que luta, concebida em termos de justiça, de fraternidade e de solidariedade, é, como diz, «matéria histórica que tem algo a ver com o reino de Deus, não porque nele desembogue, de forma ingénua e tendencial, mas porque a sua procura é, de forma não dita, parte da procura do Reino de justiça que Cristo veio instaurar».

Do itinerário de uma mulher como Maria de Lurdes Pintasilgo, cuja aposta decisiva aponta para um futuro novo, julgô que se poderá di-

zer que estamos perante um «guia espiritual» da democracia, sendo de sublinhar que, na sua opinião, «não importa» saber quem vive assim, se são os cristãos, se é a Igreja, se são os que se dão sem limite ao tempo e aos homens, se são os que foram «circuncidados» pelo baptismo, se são os «inircuncidados» na sua «afirmação de ateísmo». O que importa é que nuns e noutros habite a fé que julgará a Revolução, decorrendo dela a esperança num mundo novo que há-de vir, dando razão ao poeta, citado por Maria de Lurdes Pintasilgo, que diz:

«...cuntar
é empurrar o tempo
ao encontro das cidades futuras
fique embora mais curta a nossa vida».

Quero mesmo apostar que esta mulher, que prefere o diálogo com todos ao anátema com alguns, será mesmo imparcial e isenta na tarefa que lhe caberá no próximo acto eleitoral.

* Sacerdote católico; jornalista do «Jornal de Notícias»; vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas.

+ Recortes + P. P. I. + Recortes Classificados + P. P. I.